

ASSIGNATURAS	
ANNO....	20\$000
SEMESTRE.....	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

A Caixa de Conversão.—Cautelosa exploração de atmosphera da opinião publica.— Os chefes retratados.— A sorte do «blóco».

A Caixa de Conversão está-se transformando numa caixinha de surpresas. Parece que muito de industria se prolongou a brilhante discussão dessa extraordinaria medida financeira na Camara, para que ella surjisse do concurso de todas as opiniões num debate vasto, franco, luminoso, que esclareça a atmosphera de receios que já tem occasionado graves prejuizos á nação.

O proprio sr. David Campista parece esmorecido na solicita defeza desse projecto que lhe saíu das entranhas fecundas, tem agido discretamente, sem entusiasmo, sem precipitações, sem aquellas ornamentações de fino humor que constituem o encanto da sua palavra primorosa,

Dando exemplo de uma tolerancia digna de imitação, quando se trata de questões que tão fundamente interessam o couro e o cabello dos contribuintes, evitando os effeitos degradantes da funesta asphyxia das «rolhas», ordinariamente o mais effcaz instrumento de convicção das intransigencias partidarias, s. ex. tornou-se merecedor de louvores, mesmo dos mais ardentes adversarios das suas idéas.

Considerando pelo aspecto mais seguro a attitude do estimavel conversador, predestinado a grande destaque no Governo do qual nos separam apenas cinco semanas, não seria temerario, nem muito oratorio, afirmar que s. ex. figura um Santos Dumont do sr. Affonso Penna, ensaiando na atmosphera incerta da opinião publica um balão, cujas linhas não estão precisamente de accordo com as linhas geraes do plano politico do proximo presidente da Republica.

Quando dizemos que se trata de opinião publica é sufficientemente intuitivo que não nos referimos á opinião da Camara, que chegou á perfeição de não se dar ao incommodo de estudar as graves questões da politica, tanto se afez ás imposições da disciplina partidaria: referimo-nos á opinião que ouza ainda externar convicções que representam a defeza natural e patriotica dos mais authenticos interesses nacionaes.

A Camara é o «blóco» e a Caixa de Conversão é um compromisso desse producto pezado da Colligação.

Os resultados da experiencia fôram negativos

e mais se aggravaram com as emendas que alteravam profundamente, essencialmente, a primitiva contextura do projecto, desde que se pretende atirar nessa Caixa, especie de bocca de abysmo, os fundos de resgate e garantia accumulados a preço de alcavalas violentas impostas ao patriotismo resignado do povo, como demonstrou, num discurso memoravel, o eminente sr. Alcindo Guanabara. Os resultados da experiencia, signalados pelo panico depressivo de todos os valores que representam a prosperidade do credito nacional, parece serem bastante eloquentes para commover um estadista, estreme de paixão pelas suas idéas, empenhado de boa fé num projecto, cujas consequencias se podem prever, sem esforço, pelos males já occasionados, pelos sustos copiosamente justificados quando elle está passando pelo processo de elaboração.

Não será extraordinario actuar, com alguma efficacia nem movimento de panico, a especulação sedenta de pretextos para as suas operações mercantis; não será inverosimil attribuir a divergencias de opiniões, no campo da politica, a vehemencia da reacção dos elementos conservadores, tão prevenidos contra as innovações precipitadas, por desgraça nossa tão frequentes, em todos os ramos da administração dos negocios do Estado nestes dezeseis annos de regimen republicano. Assim, é natural o receio proveniente do facto de desorganizarmos um aparelho financeiro de resultados propicios quando elle não produziu ainda os effeitos de sua instituição, como acontece com os fundos de conversão e de resgate. E esse receio, essas preocupações engrossam em previsão de um desastre em que aquelles preciosos fundos vão ser aventurados na voragem do aleatorio, das incertezas do cambio que se pretende fixar. Mas não ha duvida que esse sopro de terror surgiu de motivos de evidencia incontestavel; os propugnadores do projecto percebem nitidamente essa pavorosa verdade e isto explica a relativa calma, a discrecção observadas na marcha do debate.

E' curioso que, neste momento veramente solemne, haja certo retraimento nos chefes responsaveis pela constituição do «blóco», nesse momento melindroso em que elles deveriam estar em campo, á frente de suas legiões obedientes, disciplinadas. O intransigente chefe da Colligação foge para Poços de Caldas em busca de allivio ás suas perturbações gastro-intestinaes; outro chefe, ligado por fortes compromissos de palavra á sorte do omnipotente partido, organizado para servir de

guarda de honra, de guarda de vigilância do sr. Affonso Penna, está na moita, aguardando numa attitude de sphynge os acontecimentos; outros próceres evitam o perigo de pronunciamentos decisivos, como si hesitassem na imminencia da extrema resolução de debandada.

E dessa sombria situação de duvidas dedúz-se um progressivo amollecimento da argamassa do «blóco», destinada a passar, como poderoso instrumento nivelador, sobre todos os obstaculos, todas as resistencias, todas as convicções. E sente-se a impressão de que a formidavel massa, desamparada dos espeques, váe deslizando pelo declive cavado pelas idéas até se precipitar annihilada como as coisas absurdas. Affirma-se mesmo que a campanha ao sr. Seabra será o derradeiro trabalho, o ultimo da série de violencias perpetradas no reconhecimento de poderes dos membros da actual legislatura.

A verdade, a dolorosa verdade incontestavel é que, enquanto os politicos profissionaes brincam com fogo, estão ardendo os mais importantes interesses nacionaes.

Predispostos por indole, por sympathia ao mestre da Caixa de Conversão, a formar o nosso criterio com as hypotheses mais favoraveis, não hesitaremos em affirmar que os resultados das experiencias influirá poderosamente na modificação das linhas essenciaes do balão de ensaio. O sr.

David Campista está procedendo como amigo do sr. Affonso Penna: explora sollicitamente a atmosphaera para que elle não seja surprehendido por temerosa tempestade nos primeiros passos do seu governo.

Si o balão estourar, si encontrar no percurso os obstaculos aparelhados pelos amigos, a obstrucção de que já deram noticias veladas os jornaes melhor informados, o illustre parlamentar mineiro reformará habilmente o seu plano, ou mudará a direcção e o objectivo dos seus admiraveis esforços, talvez com sacrificio de aspirações muito legitimas, prestando, todavia, um inestimavel serviço de guarda-avançada do seu grande amigo.

* * *

A «Noticia», com a delicadeza habitual, borboleteou sobre este melindroso assumpto, fazendo um suave reparo á attitude do sr. Affonso Penna ante os effeitos preliminares do projecto. Accentuou, como haviamos feito, que o futuro chefe da nação não viesse ao encontro da anciedade com que a opinião espera a sua palavra tranquillizadora neste momento de crise.

S. ex. espera a oportunidade para falar, convicto de que a oportunidade é a mais segura garantia de exito.

POJUCAN.

A POLICIA SECRETA

Si a policia, revestida de feição militar, não corresponde, como a largos traços accentuámos, ao papel que lhe incumbe desempenhar na sociedade, todavia aquella feição prejudicialissima e grotesca não é o mal unico, nem o maior, a exigir prompto remedio.

Ao lado da policia de sabre e Comblain, chefiada como si fôra exclusivamente um corpo de exercito, exigindo vasto contingente de officiaes e numeroso pessoal subalterno adstricto ao serviço premente dos quartéis e da militança, como sejam as bandas de musica que, só ellas, exigem numero excessivo de figuras, acarretando assim, um e outro factor, enorme desvio no contingente do serviço de ronda e policiamento; ao lado dessa policia, ha muitos outros elementos que, pezando enormemente nos orçamentos, tambem não correspondem a seus fins primordiaes e se acham feridos nas fontes da vida, inuteis e até perniciosos ás successivas

administrações. Um delles, o que mais caracteriza o baixo nivel da organização policial, é o Corpo de Agentes da Segurança Publica, que, geralmente, se conhece, pela denominação de Policia Secreta. De secreta esta parte da policia só tem o rotulo.

Os seus agentes de mais renome são conhecidissimos de todos os habitantes da cidade; é possivel que os homens bons não os conheçam bem, mas entre muitas pessoas reunidas em qualquer ponto, um individuo, medianamente perspícaz, destacará, a simples vista, o cafageste da Policia Secreta.

E, para dar mostra mais original do que vale e do que póde produzir a Policia Secreta, basta accrescentar que não ha malandro, não ha freguez do Codigo Penal, principalmente os que frequentam as paragens abominaveis do lenocinio, da moéda falsa, do furto, do roubo, do estellionato, do jogo, das extorsões e da vadiagem, no que esta ultima tem de mais repulso, que não mantenha com agentes, ligados, muita vez, áquelles crimi-

nosos, nas suas origens, por velhas tradições de companheirismo, as mais intimas relações.

Assim, pois, nada se póde esperar de quem, devendo agir nas trévas, silenciosamente, sob impenetravel sigillo, é, todavia, apontado a dedo, conhecido ás leguas, pelos individuos suspeitos á sociedade, cujos precedentes máus exigem constante vigilancia imperceptivel.

Já houve chefe de policia, dos que por mais largo tempo transitaram pelos casarões xypophagos da rua do Lavradio, que, uzando da mais nobre franqueza, sabe Deus com quanta magua, pintou com vivas côres o quadro negro da Policia Secreta no Rio de Janeiro. Dada a natureza da sua investidura official, e seu tirocinio na policia, um dos mais tormentosos nos dois regimens, as suas palavras valem como um auto de flagrante e supprem, com vantagem, qualquer analyse ou investigação sobre a espionagem secreta.

Não será máu reproduzir aqui as suas palavras:

«Nessa dependencia da policia tudo se acha ainda num estado rudimentar grandemente prejudicial ao serviço. A entidade — agente de policia — isto é, o funcionario de esmerada educação profissional, habilitado ao desempenho de qualquer diligencia, sabendo averiguar um facto, descobrir um crime, colher uma informação, effectuar a captura de um delinquente, seguir os passos de nma pessôa suspeita, não existe, por emquanto, na policia do Rio de Janeiro.

O que em regra possuímos a esse respeito é o typo quasi classico do ser-ventuario inhabil e desazado, comprometendo tudo, desacreditando a cada instante a administração, fazendo consistir na grosseria da força physica e dos máus modos o seu melhor predicado, e dando assim a falsa idéa da existencia de especie de guarda negra, sempre incumbida de missões sinistras e como que eternamente preocupada em se exhibir, de modo ruído, com sacrificio total do seu character reservado e secreto.»

E' de presumir que já julgasse o auctor das citadas liuhias sufficientemente attingido o alvo a que se propunha quando quiz, em linguagem corrente, e com aquellas palavras verdadeiras e vigorosas, retratar o departamento da policia, que, pelo arduo mistér de suas funcções, devia de estar no primeiro plano; no emtanto, não se conteve, e accrescentou:

«Longos annos de desacertos e pouco caso fôram imprimindo a essa corporação um aspecto quasi ridiculo, e, além do mais, inquestionavelmente odioso, que precisa desaparecer quanto antes, *para honra e moralidade da policia*. Não quer isto dizer que deixem de existir entre os agentes de hoje *alguns* homens de bôa conducta...»

Entre os serviçoes secretos ha, pois, no dizer da elevada auctoridade, *alguns de bôa conducta*; esta expressão patenteia quão insignificante é o contingente dos que se conduzem com certa regularidade «*não comprometendo a honra e a moralidade da policia*», sem possuírem, aliás, as qualidades requeridas para o verdadeiro agente, porque este, já o disse o chefe da segurança publica, «*não existe, por emquanto, no Rio de Janeiro.*»

Mas já transpuzera o magistrado os limites da franqueza e, sentindo o pezo da verdade, tão grande quanto o das provas durissimas a que submetteu o seu digno nome acceitando um posto que, em face da actual organização e dos processos carcomidos e carunchosos, ainda em vigor, é dos que exigem maiores sacrificios, terminou da seguinte maneira:

«Precizamos ter agentes que não sejam conhecidos de todo mundo, que se saibam conduzir com reserva e criterio, que tenham argucia, e preparo, que não ignorem as regras do retrato falado e possam não só descrever um typo de accordo com o que a sciencia e a arte da identificação humana prescrevem, como descobrir por esses dados uma pessôa qualquer, cuja captura se torne necessaria.»

Composto de maneira tão desastrosa, o corpo de agentes é a mais intoleravel das instituições policiaes de que dispomos presentemente.

Educal-os é tarefa impossivel. Primeiro, porque não reúnem os requisitos mais rudimentares para receberem a educação profissional. Segundo, porque não ha meios para corrigil-os, não dispondo a policia, nesse sentido, de elemento algum. Os secretas são conhecidissimos pelos nomes e por alcunhas expressivas; entre os de mais fama se contam ignorantes de marca, incapazes de proferirem duas palavras com acerto.

Em virtude de tudo quanto vimos expondo, pôde-se avaliar sob que apprehensões terriveis vivem as auctoridades superiores da policia, sabendo que, num caso difficil, o seu ponto de apoio é aquella monstruosidade insanavel, erigida de vicios, ostentando incapacidade cega, facilmente vulneravel aos golpes de vulgares trampolineiros.

A missão, sobretudo, do chefe de policia é das mais arduas e escabrosas. Emquanto hoje os generalissimos dos maiores exercitos dirigem formidaveis batalhas recolhidos, serenamente, ás suas tendas, o chefe de policia, no Districto Federal, tem que chamar a si, numa emergencia mais séria, a direcção das mais insignificantes diligencias, e, ao saber de qualquer attentado á propriedade, por exemplo, não poderá, como Moltke ao

ser ser informado da guerra com a França, indicar a gaveta onde estavam os planos da campanha contra o inimigo, e adormecer em seguida. Não, elle tem que ser o primeiro a se mover ua lucta contra o malfetor. E a constancia destas occupações absorventes é a causa, o motivo unico talvez, de não terem tempo para destruir, si não reorganisar e melhorar, serviços desmoralizados, como o da espionagem secreta.

Por isto mesmo, a população viu que esforços sobrehumanos fôram empregados nas diligencias para se descobrirem os auctores do ultimo roubo na Casa da Moéda.

A policia, naquella emergencia, operou com precisão notavel, recolheu os mais evidentes elementos de prova contra os accusados, mas o chefe de policia não teve treguas, e pôde-se dizer que seus auxiliares, posteriormente inspirados num desejo são, se colligaram para vencer a astucia perversa. Si, porém, a vigilancia secreta não constituisse um mytho, a pratica daquelle roubo, *de que ella teve aviso*, não se teria levado a effecto.

Aliás, por falarmos em segredos, convém assignalar que nenhuma corporação tem os movimentos tão estudados e perceptíveis como a policia. O telephono parece que devia de constituir uma grande vantagem para o serviço da policia, mas num caso appetecido pela curiosidade publica, seria verdadeira temeridade uzardelle: a reportagem onve o que se fala do gabinete do chefe; pessôas que nenhuma relação mantêm com a repartição da rua do Lavradio, francamente se utilizam daquelle aparelho e, ás vezes, numa linha atravessada, vae o segredo prnetrando no ouvido do curioso, si não do interessado principal.

Mas este ponto ficará melhor analysado quando indicarmos os elementos de acção prompta e decisiva de que carece a policia. Este e outros pontos não pôdem deixar de constituir objecto de promptas providencias immediatas.

Passando, pois, em revista os monstros que compõem a nossa desvalida policia, já nos coube oportunidade de vêr a que dois delles — *a policia militar e a policia secreta*, se redu-

zem; constitúem mais um desserviço á população e garantem melhor a impunidade dos malfetores do que se prestam a seus verdadeiros fins.

Mas o cortejo é interminavel e iremos por deante.

BENTO DA GAMA.

O UIRAPURU' (5)

NOVELLA PARAENSE

POR

DOMINGOS OLYMPIO

IX

Na vespera da caçada promettida ao futuro primo, Placido, tanto que terminou o jantar, entrou a preparar as armas, duas magnificas espiu-guardas inglezas, adquiridas de um naturalista norte-americano que explorava em Marajó o commercio de pennas de garças trocando-as por armas de caça; ordenou ao Tiburcio, filho mais novo de Severa, que escolhesse quatro cães goyanenses de veado e dois de pacas e partisse com o Gregorio, o irmão mais velho, pela madrugada com o *balão* de provisões, esperando-os numa tapéra da estrada de Una, ponto favorito dos caçadores que penetravam a matta pela estrada de Bragança.

Placido acabava de encher as cartucheiras e limpar as botas de campo, quando o surpreendeu o tilintar da campainha do portão da rocinha e, pouco depois, surdiu na sala de jantar o futuro primo Joannico, trajando calção e blusa de flanela azul, polaiuas de vaqueta, tendo na cabeça um grande chapéo de feltro cinzento. Antes de ser interrogado por Placido do motivo daquella agradável surpresa, elle explicou-se amavelmente:

— Considerando que deviam partir pela madrugada, achára mais prudente vir pedir ao primo um cantinho para passar a noite. Evitava assim incommodar as senhoras, arriscaudo-se a ficar na cama até dia claro. Affonsina concordou commigo e ficou muito satisfeita quando lhe communiquei este projecto... Ella deseja que sejamos bons amigos.

— Eu é que estou em falta — murmurou Placido, embaraçado — Tenho estado estes dias assoberbado de trabalho..

— Já sei, já sei. Arrufos!... Para compensar-te da minha desagradavel companhia, trago-te uma perfumada epistola que ella me deu a honra de confiar.

Placido tomou a carta com mão tremula: era, sem duvida, um *ultimatum* para explicação da sua ausencia.

— Mas... antes de tudo — continuou Joannico, dirigindo-se a Severa, que apparecera estremunhada — ha alguma coisa que se coma?.. Oh, Placido, você perdôa-me estas semcerimonias? Sim?...

— Ora essa! — retorquiu Placido — Estamos ainda em casa de rapaz...

— Incomparavel amigo!... Quando considero o teu espirito de ordem, nesta casa tão limpa, tão cheirosa, quando penso nesta vivenda de cônego, tão santa e descaçada, chego a pensar que não devias cazar.. Nada se compara a isto, um cumulo de conforto e liberdade. E' verdade que só falta aqui uma mulhersinha, que seria facil obter sem compromissos. Essa historia de casamento é uma grande estopada! Oh, Placido, tu és um homem de coragem...

E atacava com admiravel appetite uns frios do jantar, que a Severa collocára sobre a meza.

— Que deliciosa fritada!... Oh, nhá Severa, isto está um primor mas não vejo coisa que se pareça com vinho.

Severa encheu-lhe o copo ao passo que Placido se afastava para a outra extremidade da meza.

— Basta, idéal mulata velha! — bradou Joannico — A pinga é de primeirissima, mas já não tenho a cabeça muito para que digamos..

A carta dizia:

«*Meu querido noivo.* — Primeiro que tudo, estimorei que a sua ausencia não fôsse por motivo de molestia. Mamãe ficou muito preocupada com isso e eu muito triste. Tres dias sem ver o meu futuro maridinho!... Os homens não avaliam quanto nos dóem essas ausencias, tem negocios, coisas sérias que os distraem. Nós, mulheres, não dispomos dos mesmos recursos para esquecer ou matar horas que parecem infinitas. Eu não o censuro. Você tem muito juizo, sabe muito bem o que faz, é senhor de suas acções, mas não me posso resignar a esses deveres e obrigações que me horroizam roubando-me o pensamento e a presença do noivo.

Quem sabe si não fez isso para castigar-me?... Estará zangado commigo?.. Porque me fez soffrer durante essas tres noites maldictas? Não me accuza a consciencia a menor falta.

Quando voltar da caçada, venha jantar commosco.

Mamãe diz-me que não me amofine, que sou uma tola, que todos os homens fazem o mesmo; extranhou, todavia, que você, tão meigo, tão attencioso, fôsse capaz de ausentar-se sem uma palavra de explicação. Fizemos mil conjecturas.

O papel terminou. Si eu fôsse es-

crever o que tenho no coração, não acabaria mais.

Até amanhã, seu máu. — AFFONSINA.

P. E. — Muito obrigada pelo acolhimento ao Joannico. E' um excelente rapaz. — A MESMA.

Terminada a leitura, Placido beijou, ás escondidas, a carta escripta em bello cursivo de collegial. Ter boa letra era, para elle, magnifica prenda. ~~Tinha~~ os olhos humidos de lagrimas, lagrimas de remorso pelo soffrimento infligido á noiva.

Assaltado pelos sinistros terrores de transformação da sua maneira de viver, impressionado pela insistencia da futura sogra no projecto de viver com ella, desconfiado pela importuna presença daquelle primo com todas as apparencias de personagem de romance, Placido resolvera reagir, deixando de visitar a noiva no dia seguinte ao do emprestimo ao Joannico. No outro dia, teve acanhamento de apparecer; no terceiro dia, o seu embaraço augmentou pela falta de um pretexto, de uma desculpa plausivel. Elle detestava a mentira, a dissimulação. Não foi. Seria, talvez, isso uma tolice providencial.

Que poderia acontecer?... Zangarem-se a sogra e noiva?... Rouper-se o casamento? Tanto melhor. Seria um allivio, muito embóra lhe não ficasse bem tal maneira de proceder. A sua consciencia ficava tranquilla porque elle não tivera a iniciativa do compromisso; fôra surpreendido por elle e se submetera por estar habituado a não resistir, a curvar-se ás injuucções das circumstancias.

Mas a carta de Affonsina desarmara-o. Era um doce libello com deducções precisas, irrefutaveis, ditadas pela eloquencia do coração. Elle não encontrava argumentos, meios de justificação do nefando crime de ter infligido tamanha afflicção áquelle anjo de bondade. Com que cara appareceria no dia seguinte, como era forçoso?... Que pretexto arranjaria que não fôsse uma evasiva banal, ridicula?..

— Que diabo! — bradou Joannico, interrompendo a meditação provocada pela carta — Parece teres embatucado com a epistola. A priminha sabe fazel-as; é mestra no genero. Dirigiu-me umas para a Europa de cortar o coração. Lá por casa andam as duas com feições de poucos-amigos, por lhes pregares a peça de te auzentares sem dizer — agua váe... O caso teve, com effeito, modos de um dito por não dito... Oh, Placido, onde descobriste este generoso porto? Não negarei que disse aos meus botões: o Placido, em vindo de perto o casamento, pôz-se a pannos, antes de o

amarrarem para sempre. Instincto de defeza esse recuo!...

— Não ha tal — respondeu Placido, sacudido pela ironia do Joannico — Tive um rôr de affazeres, trabalhos extraordinarios, além de um accesso de gotta num joanette...

— Qual historia, Placido! Não pegam as bichas. Para cá vem a dois carrinhos. Aqui onde me vês já fugi com o corpo de uma entalladella dessas com egual manha...

Severa serviu o café sempre attenta á loquacidade do Joannico e muito sobresaltada.

Placido estirou-se numa rêde armada numas escapulas que rangiam monotonamente; Joannico estendeu-se numa cadeira de balanço a saborear o charuto.

— Nada ha que pague — observou elle, bocejando — esta doce independencia!... Estamos aqui como dois felizardos, livres como as auras, sem a minima perturbação uesta casinha tranquilla, nesta vivenda santa como um convento... Oh, Placido, tu nunca sonhaste a bemaventurança unica desta vida?... Desprender-se agente de tudo, subtraír-se a todas as attracções do mundo, da sociedade para se escravizar, voluntariamente ao egoismo da solidão e soltar o espirito em busca de chimera da suprema ventura eterna, a voar num deslumbramento de esplendores divinos pelas regiões mysticas da fé?... Olha que darias um frade de mão cheia...

Placido pensava em Affonsina, na visita solicitada na encantadora carta rescendendo a capim cheiroso, nas desculpas, na justificação da subita urgencia.

— Estás com somno, meu querido primo — continuou Joannico, molhando a ponta do charuto no vinho do porto — Em achiando bôa palestra e conforto, sou capaz de ir ao amanhecer...

E tirou as polainas, as botinas que caíram com ruido no assoalho listado de acapú e páu amarello, mettendo-se nos chinellos trazidos por Severa depois de armar outra rêde lavada, cheirando a cumará.

— Tens aqui a providencia na pelle da flôr das mulatas velhas. Vê isto: chinellos, *matinée* lavadinha, perfumada!... A tua roupa serve-me como feita por medida. Que bello, dormir nesta deliciosa varanda!...

Em quanto Joannico mudava a roupa, Placido continuava a fumar balançando lentamente a rêde, olhos fixos nas gaiolas pendentes do tecto onde dormiam eucolhidos os passarinhos; o pensamento ausente, junto da creatura adorada, velando saudosa, esperando com ancia o dia seguinte.

Os esplendores do luar equatorial

lavavam a varanda; leve brisa intermitente produzia no arvoredó rumôres de sêdas amarrotadas; emanações de jasmims e morurés saturavam o ambiente com um halito de flôres adormecidas á caricia do orvalho.

— Oh! Placido — murmurou Joannico, com vóz terna, arrastada — Tu ainda pensas em cazar?... E's homem de coragem... Uma mulher por toda a vida... é uma estopada...

As phrases fôram se apagando confusas, balbuciadas até se extinguirem num resonar suave.

Placido encastellava conjecturas na trêva da suspeita insistente, a envolver-lhe o cerebro conturbado, quando foi arraucado desse penoso scismar pelos accordes de um violão e de um cavaquinho acompanhando um trovador, cuja vóz guttural, dolente, cantava os bellos versos popularizados pela musica de Xisto Bahia:

«Quiz de balde varrer-te da memoria,
O teu nome arrancar do coração.
Amo-te sempre... Que martyrio infindo!...
Tem a força da morte esta paixão...»

Era isso mesmo. Estava alli, na eloquencia harmoniosa da poesia pintado o seu estado d'alma. Aquelle vinculo que elle suppunha fundido de razão, de affectos, era uma paixão dominadora, fatal, empolgando-lhe as energias, tornando-o incapaz de lutar.

A canção sumiu-se pouco a pouco, arrebatada pelo terral embalsamado de emanações dos jasmims e morurés; atraz della vóou o pensamento de Placido, attraído pela fascinação de um sonho inebriante.

(Continúa)

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXXVII

No numero passado demos os topicos mais frisantes e expressivos do discurso de Carvalho e Mello, que demonstrou, ao clarão da evidencia, os perigos das imprudentes e estolidas provocações, e das indicações approvadas pela maioria, assim como provou a competencia do Imperador de conceder titulos, quer pela natureza da instituição monarchica, quer pela legislação que continuava em vigor.

O conselho que remata a judiciosa oração é de salutar previdencia. A Camara escutou-o com visivel confrangimento.

Parece que o espirito do orador tinha a intuição do futuro, que se aproximava.

No estudo dos phenomenos sociaes a psychologia é absolutamente indispensavel, só ella pôde explical-os.

O discurso que acabamos de ler, é a sincera e fiel expressão do estado da alma dum homem que estava na scena dos acontecimentos, que observa os sentimentos dominantes, que conhecia as tendencias, ou, antes, as manifestações de todos os individuos quaes se agitavam e se moviam na mesma scena. As palavras do orador constituinte revelam-nos que aquellas indicações feriam a dignidade, o lustre e a honra do poder imperial. Carvalho e Mello não teria, de certo, aventado taes idéas, si não tivesse, pela observação, colligido todos os indicios e talvez todos os elementos sufficientes para formar sua convicção.

O que fica patente é que este discurso explica o facto e é um documento probatorio, que affirma haver a Assembléa Constituinte dado uma somma de motivos, que induziram o Imperador a proceder do modo pelo qual se houve com ella em 12 de novembro.

Quando se apuram todas essas minudencias, que formam uma cadeia de circumstancias determinativas da dissolução da mesma Assembléa, admira que alguém pretenda fazel-a passar por victima da prepotencia imperial, sem ter feito por onde merecesse o destino desastroso que lhe foi infligido. A Constituinte ou era inconsciente, não sabia o que fazia, ou não o era. No primeiro caso, devemos lamental-a. No segundo, cumpre-nos reconhecer que ella soffreu as consequencias de seus erros,

Carvalho e Mello observou, com viva solicitude, que era imprudente e perigoso revogar o titulo concedido a lord Cockrane: *com esse acto se destituiria a dignidade do chefe da nação.*

Ora, si assim o deputado sentia, pensava e falava, que sentiria e pensaria aquelle cuja dignidade era ferida, cujo poder deslustrado?

A psychologia ainda mais esclarece os factos, verificando que, com o temperamento de d. Pedro, o proceder da Assembléa não podia passar sem inexoravel repressão. Demais, d. Pedro estava imbuido da idéa de que, com o titulo de Defensor Perpetuo,

lhe havia a nação conferido todos os poderes para constituir o Estado. Estava ainda persuadido de ser, na phrase de Royer-Collard, um poder anterior a todos e do qual todos dimanavam. Elle tinha a prova cabal e inconcussa, porque por decreto seu foi convocada a Constituinte; por consequencia, por outro decreto podia ser dissolvida. Nesse ponto, não lhe escasseava o rigorismo da logica.

Em verdade, é incomprehensivel a acerba censura lançada sobre o procedimento do Imperador. Si lhe reconheceu o poder de convocar a Assembléa; si lhe conferiu o direito de iustituir e organizar o regimen representativo constitucional; ora, nesse systema a dissolução duma Camara é uma móla inherente e essencial e até uma prerogativa do poder, que convoca e que exerce a fiscalisação para manter a harmonia na divisão dos poderes e função do machinismo.

A Constituinte não observa o necessario equilibrio; por consequinte, cumpria se lhe applicar o meio de restabelecel-o. Eis o que fez d. Pedro.

Não procedeu fóra das normas do regimen. Não tinha elle esse poder, ou não devia uzar d'elle? Que o tinha, resulta da natureza da constituição monarchica por acção immediata da soberania, que não obrou, como o Eterno, nos primeiros dias da criação do universo, creando e retirando-se da obra creada. A soberania nacional sustentava a sua instituição e com ella continuou a cooperar.

O segundo caso se resume na conveniencia de uzar do direito de dissolução. Esse ponto, á primeira vista, parece difficil, porque depende do exame consciencioso dos factos. Subsiste um documento irrecusavel que, por assim dizer, é o libello accusatorio dos erros e das faltas da Constituinte, onde se verificam actos e palavras, intenções e planos; é o *Diario da Camara* repositório de tudo que pensaram, disseram e fizeram os representantes da nação, reunidos na Cadeia Velha, desde maio até novembro.

Não se tem necessidade dos commentarios da imprensa, nem das variadas, incoherentes informações da tradição, quasi sempre infidellissima.

Compulsemos os volumes do *Diario da Camara*: só se nos deparam as provas da inutilidade da Assembléa, pela incapacidade dos representantes, excepto um grupo de homens illustrados. A Camara nada fez, nem formou a lei constitucional e fundamental, por assim dizer o Evangelho politico da nação.

Pelo lado do serviço, o povo nada perdia com a dissolução duma Assembléa que não comprehendia nem satisfazia as necessidades publicas. Pelo lado das conveniencias sociaes e politicos, ahí está o discurso de Carvalho e Mello, o qual evidencia os perigos que poderiam gerar as imprudencias repetidas e praticadas e que empeciam a marcha e o desenvolvimento regular e harmonico do systema constitucional representativo.

Por que lado poderá ser defendida ou justificada a Constituinte? Por seus serviços, actos, discursos, projectos, leis, eloquencia, exemplos de sabedoria politica, de dedicação patriótica?

Não será coisa de pouca importancia apontal-os.

A Constituinte tem eclipses no meio da luz que illumina alguns actos de independencia de character e de erronea comprehensão do desempenho de sua missão.

Na hombridade, os posteros deverão imital-a, porque ella, assim mesmo, deixou algumas reminiscencias, que não deslustram a historia do paiz. Ella mostrou, algumas vezes, altivez de character, sinceridade nos principios de honra e moralidade, aspirações elevadas da liberdade civil e politica, que amava instinctivamente, não a comprehendendo, porém, lucidamente no meio dum deploravel syncretismo de noções, provenientes da cultura intellectual de homens que, em geral, tinham o espirito obscurecido pelo regimen colonial.

Pretender que, em 1823, o paiz elegesse uma Assembléa, qual a do regimen do governo parlamentar, é uma ambição inqualificavel por ser excessivamente absurda. A historia da liberdade é composta de phenomenos sociaes e politicos; esses phenomenos não podiam ser sinão os que se conformavam com a epocha atrazada em que ainda prevaleciam as

devassas do governo absoluto irresponsavel.

Algunas pessoas opinaram que os actos da nossa primeira Assembléa não fornecem materia para interessar a historia. Dirão que aquella reunião de brasileiros, que ensaiaram o regimen do systema representativo—apenas poderá obter dos posteros a consideração e o respeito de que são dignos todos os homens que trabalham pela causa sacrosanta de sua patria, pela liberdade de seus concidadãos. Embóra!... A narrativa dos erros e do merito, das virtudes e dos esforços do bem e do mal, das luctas e dos perigos, das grandezas e dos infortunios, das gerações que nos precederam e que merecem ser lembradas, sinão para glorificar o passado, ao menos para premunir o presente, dando ao futuro o espectáculo ora pungitivo das miserias, ora consolador da abnegação e do patriotismo, deve-se escrever.

Comprehendo o respeito e a justiça na apreciação das nobilissimas ambições com que os constituintes trabalhavam para realizar a garantia dos direitos de seus concidadãos e para promover a prosperidade da patria.

Aquillo que não comprehendo e a que não quero submeter-me é, escravidão ás *invenções das lendas* e ás affirmativas da tradição sem criterio, sem exame dos factos, apregoar os homens da Constituinte, quaes herões e patriarchas, modelos sublimes da sabedoria e do patriotismo. Deixo aos fanaticos, ou aos inconscientes os extasis da admiração e da idolatria.

Os nossos representantes, em 1823, estavam sob as inclemencias das circumstancias da epocha, em que os *espias seguros*, recommendados com viva solitudine nas portarias do primeiro ministro do Imperio, lhes metiam tanto pavor, que deixavam de exprimir o que sentiam e pensavam (1).

Não é exacto que a Assembléa de 1823 é uma gloria, que illustra até os nossos dias, quando o baptismo de luz da instrucção tem sido derramado, com mais abundancia, sobre a fronte do povo, do que o era naquelle tempo de ignorancia colonial, obscurecendo todas as classes sociaes.

Composta duma maioria de medio-

cridades e de inexperientes, assim mesmo havia um grupo de intellectuaes, onde avultavam Silva Lisbôa, os Andradas, Carneiro de Campos, Carvalho e Mello, Maciel da Costa, Pereira da Cunha, Montesuma e outros.

Nessa temporada, porém, o Brazil não possuia um orador de primeira plana, nem um estadista capaz, nem legislador sabio e experiente. Os homens de talento, apontados, não passavam de bons aprendizes das sciencias politicas, coisas que alguns só conheciam nos livros.

José Bonifacio, por exemplo, é um notabilissimo naturalista, mas um orador nullo e homem de Estado incapaz, legislador sem idéa e sem concepção.

Um homem de Estado tem o poder de realizar a idéa; corporifica o pensamento; é pratico. Um dissertante, pelo contrario, fluctúa no vago: si o illumina a idéa, elle não a sabe encerrar na fórmula legislativa realizavel. Si José Bonifacio fôsse um estadista e tivesse a luminosa intuição do futuro — a idéa vaga da extincção da escravatura que lhe roçára, ephemera e rapida, pela mente, teria sido transformada numa lei e não em *memoria*.

Não teria ineptamente recuzado a proposta do governo inglez a respeito da escravatura, oficialmente comunicada pelo marquez de Barbacena, que, em Londres, se esforçava pelo reconhecimento da Independencia, que a Inglaterra facilitaria, prometida a abolição do elemento servil.

Esse estadista nem siquer enxergava o presente, quanto mais lobrigar o porvir. Com a independencia que fazia uma nação livre, a emancipação dos escravos, seria o complemento da regeneração humana.

Beim examinados os seus feitos de legislador e de ministro — que é que se poderá apontar delle? Algum regulamento, algum decreto ou alguma daquellas deploraveis portarias ao intendente de policia, abrindo *devassas geraes*..

Antonio Carlos tem, segundo a expressão franceza, — *la parole chaude* — parece excellente e esperto declamador. Os seus discursos, excepto poucos, são futilissimos, quer pela fórmula, quer pela substancia.

Silva Lisbôa é um advogado, quasi octogenario, jungido ás fórmulas, dissertando eruditamente, sem idéa propria, exhibindo a abundancia de suas variadas leituras.

Carneiro de Campos é um espirito bem culto, versado nas sciencias economicas, sociaes e politicas; não é, porém, um orador de flammigera inspiração, nem um estadista preparado; é homem amestrado na *bureaucratie*.

Montesuma começava a carreira a ensaiar a sua vibrante palavra, a educar a sua lucida intelligencia, que lhe darão a primazia de notavel parlamentar nas Assembléas da regencia e do segundo reinado...

Fôra longo passar em revista outras individualidades que figuram na Constituinte. A verdade incontestavel é que os espiritos investigadores e curiosos dos eventos daquella temporada não descobrem, nos repositórios dos trabalhos da Camara, a prova da grandeza e da superioridade de intelligencia e illustração que attribuem aos constituintes. José Bonifacio, que, sem duvida, tem direito a exercer a supremacia intellectual, não sabe compôr um discurso sinão no silencio do gabinete, como elle proprio confessou numa das sessões de maio. Elle não tinha folego, não era nadador de força a atirar-se contra as ondas marulhosas. Os discursos que deixou nada valem. Accuzando o Governo por causa de actos praticados, o ministro discorre o respeito da anarchia dos *descamisados* de Hespanha; das Côrtes, da Junta, do ridiculo do rei Fernando; mas o ponto vivo da questão não lhe arranca uma palavra! E esse mesmo discurso inspira dó..

Cumpria-lhe explicar os actos, justifical-os á vista das leis; disso não tratou; desazadamente occupou-se de coisas extranhas. Como legislador, elle apresenta *Memorias*, isto é, disserta, porque não tem o talento pratico de concretizar a idéa em fórmula de ser escutada.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Vide *Diario da Camara*, sessão de maio, discursos de Carneiro da Cunha, Alencar, Dias e outros deputados.

Toda e qualquer correspondencia relativa aos *Annaes*, deve ser dirigida ao secretario, sr. Walfrido Ribeiro.

A LIVRARIA

«VISÕES DE MOÇOS», POESIAS
POR OLEGARIO MARIANNO.
— TYP. CARVALHAES. —
RIO DE JANEIRO. — 1906.

Antes do prefacio a este folhetinho de 40 paginas, prefacio que vem assignado pelo sr. Guimaraens Passos, ha uma pagina occupada apenas pelos seguintes dizeres: «Olegario Marianno Carneiro da Cunha, nascido no Recife, Pernambuco, a 24 de março de 1889.» Quasi que parece um epitaphio, o que nos faz receiar, desde logo, que o opusculo possa equivaler a um tumulo.

De máu gosto como seja a inscripção, ella serve para confirmar, por um modo mais determinativo, o que o prefaciador tambem achou conveniente communicar-nos. Trata-se de um muito jovem poeta, quasi que da idade da nossa Republica. Quando elle nasceu, a geração a que em pertença atravessava a phase mais ou menos correspondente áquella em que elle hoje se acha.

O sr. Guimaraens Passos nada disse que as paginas das *Visões de moço* não nos confirmem por si. Elle chamou estes versos de «simples e sonoros». E o são. Ha muitos poetas chronicos que ainda não conseguiram fazel-os assim.

Entre composições que revelam mais progresso, ha outras que trãem infantilidade, mais sem caírem propriamente na ordem das coisas ridiculas. O sr. Olegario Marianno é dos que poderão vir a ser gente no futuro.

Transcrevo um dos sonetos que mais me agradaram. E' este:

«ELLA VEM POR AHI

A Guimaraens Passos.

Ella vem por ahi, sinto que o orvalho
Ledo estremece na florinha agreste...
Vejo que as aves ao saltar do galho
Cantam; que a rosa de carmim se veste;

Que nos bambús suspira o vento leste
Procurando nas folhas o agasalho...
Vejo que o sol da abobada celeste
Corre a beijar-lhe a fronte pelo atalho.

Vejo que tudo ri ao vel-a perto,
Trazendo n'alma um coração deserto,
No olhar trazendo uns idéaes lampejos;

Emquanto vibra a natureza em festa,
«Ella vem por ahi!» diz a floresta
Ornando a estrada de canções e beijos...

Mas porque esta sêde de apparecer quando nem siquer ainda tinha prompto o que melhor se pudesse chamar um livro, embóra com os defeitos naturaes ás obras de estrêa?

«HALÓS», POESIAS, AURELIO DOMINGUES. — TYPOGRAPHIA BAHIANA. — CIDADE DO S. SALVADOR. — 1906.

Sob o titulo desta collectanea vem a epigraphe: «In mezzo del cammin di nostra vita.» Si o auctor não quiz dar á phrase a significação que lhe deu o florentino, não sei para que foi se utilizar desse tão estafado decassylabo.

Mas é evidente que não quiz. Elle não pôde ter quarenta annos ainda. Mostra-se muito namorador e é de um namoro ainda muito platonico para isso.

O sr. Aurelio Domingues ha de ser forçosamente um moço. Em certo ponto desta sua obrinha, com o entusiasmo que lhe cauza o facto de perceber que a sua beldade já se váe deixando vencer por elle, pois que já o vê

«com os olhos da ternura,
E da bondade angusta do seu peito»,

o sympathico estréante (parece-me que o é) chama o seu vulto, o delle, de «vulto de supremo eleito». Talvez tenha tal vulto, mas por enquanto, pelo que faz, não attesta que passe dahi.

Nem siquer ainda tem individualidade propria o jovem auctor. Seus versos são correntes e bem feitos, mas não offerecem novidade nenhuma, nem nas idéas, nem nas expressões, nem no arranjo da estrophe. Attestam por enquanto habilidade; ainda não revelam talento. Tanto que se procura na sua pequena collectanea (esta tem 57 paginas) uma peça de mais effeito para transcrevel-a, e não se acha.

* *

«QUINTINO DURWARD». — ROMANCE HISTORICO DE WALTER SCOTT, TRAD. DE R. D'AVELLAR. — H. GARNIER, EDITOR.

Esta traducção representa dois volumes, dos quaes o segundo principalmente é que se pôde chamar um volume reforçado. *Quintino Durward* não é das obras mais famosas na collecção de Walter Scott. No entanto, quem tiver tempo para taes leituras não sentirá a extensão destas paginas, na verdade, attrahentes e empolgantes.

Além disso, ellas são instructivas. O romance refere-se a factos historicos que se passaram no interessante periodo do reinado de Luiz XI, e principalmente o retrato que o romancista desenhou deste formidavel politico é feito com verdadeiro vigor. Quem prefira conhecer a historia, ou, melhor, seus typos predominantes através de phantasias litterarias, não sairá com uma

idéa muito erronea sobre o extraordinario absolutista, lendo estas paginas do celebre auctor inglez.

A traducção é feita com uma segurança muito superior á que revelou o sr. R. d'Avellar vertendo as *Aventuras do sr. Pickwick*, de Carlos Dickens. Admira mesmo um tão grande progresso.

NUNES VIDAL.

APANHADOS

Os indios norte americanos Os indios dos Estados Unidos teem, no seu territorio, 660 escolas, com 800 professores e 40.000 alumnos. Os dois collegios, masculino e feminino, de Tahlequah, datam de 1850. Um sobre dez individuos frequenta a escola; de 187.000 indios, 65.000 sabem ler o inglez e 69.000 o falam tão bem que são perfeitamente comprehendidos.

* *

Um romance celebre A «rastacracia» é um neologismo—nada harmonioso, muito aspero até, mas verdadeiramente expressivo—que no seu novo romance, *Une grande dame aime*, o sr. Adolpho Aderer emprega para designar a nobreza de occasião, que é opposta, pelo auctor, á nobreza de raça e á aristocracia do dinheiro. Essa nobreza artificial é representada por diversos personagens, cujas attitudes, cruelmente estudadas pelo sr. Aderer dão á sua obra, romanesca, apaixonada, rica em descrições fortes, uma curiosa e mordente ironia.

* *

Bandas de musicas Reune-se, este mez, em Paris, uma commissão official franco allemã para combinar os termos duma convenção consiliando a justa protecção á qual os compositores de musica teem direito e as facilidades egualmente concedidas ás fanfarras e musicas militares que nas suas execuções publicas não procuram sinão um meio de subsistencia e não teem nenhum intuito politico.

* *

Conferencias sobre Dante Fundaram-se, ultimamente, em Paris as *lecturae Dantis*, isto é, conferencias sobre o grande poeta e a sua epocha. Diversos sabios francezes e italianos se farão ouvir alternativamente. O sr. Rieciotto Canudo, apreciado escriptor italiano, inaugurou a série com uma publicação sobre «Dante e S. Francisco de Assis».

O que consome uma companhia de vapores A *Nord Deutscher Lloyd*, é, de todas as companhias de vapores, a que possui a mais im-

portante frota commercial do mundo. A sua grande esquadra se compõe de 82 transatlanticos, 46 vapores para o serviço nas costas indo-chinezas, 2 navios-escolas, 165 barcos de descarga e navios de carvão. Esses vapores vão para 27 linhas differentes: 5 para a America do Norte, 4 para a America do Sul, 1 para Cuba, 2 para o Extremo Oriente, 2 para a Australia, 3 para o Mediterraneo, 16 costeiros e interinsulares para o Oriente e 4 para a Europa.

Agóra — e esta é a parte mais espantosa — váe a lista dos viveres consumidos a bordo dessa immensa esquadra pacifica, durante o anno de 1905. Carne — 79.000 quintaes de carne de vacca, abatida a bordo, 13.000 bois, 14.200 porcos, 7.000 vitellos, 16.000 carneiros, 564.000 aves, 59.000 caças, representando tudo um pezo de 525.000 kilos. Além disso tudo, mais ainda, 424.000 kilos de manteiga, 1.102.000 litros de leite fresco, 61.000 garrafas de leite esterealizado, 4.900 caixas de leite condensado, 5 milhões de ovos, 144.500 quintaes de batatas e 70.000 quintaes de pão e de farinha.

O consumo de vinhos e espiritos tambem foi extraordinario: 272.500 garrafas de vinho, das quaes 46.700 eram de champagne, 93.200 de vinho commun, 132.600 de vinhos do Rheno e Mosella. Ainda augmentam a lista 27.274 garrafas de cognac, 17.870 de vinhos de sobre-meza e 59.485 de espiritos. E' preciso, ainda assim, ajuntar 1.820.450 garrafas de cerveja e 473.700 de agua mineral.

Por fim, em 1905 se gastaram na grande frota 165.420 kilos de café, 14.780 de chá, 10.800 de cacáu e chocolate e 1.181.000 cigarros e charutos.

Durante esse mesmo anno de 1905, a esquadra percorreu 5.732.000 milhas maritimas representando trinta e cinco vezes a volta ao redor do mundo. A companhia transportou nos seus vapores 449.000 passageiros empregando 22.000 homens, dos quaes 12.000 para as equipagens e gastou 27.500.000 francos de carvão.

* *

Comedia franceza *O homem velho*, de Porto-Riche, que será re-

presentado em novembro ou dezembro proximo no Theatro Réjane, em Paris, não é um drama que discuta uma these; muito longe disso, é uma peça que pertence ainda ao theatro de amor. Alegres e apaixonadas, as differentes

scenas se passam em Dauphiné, nas officinas dum grande industrial.

Esse assumpto preoccupava, desde muito tempo, a attenção de Porto-Riche, mas só agora é que elle o poz em scena.

O auctor é um dos mais seguros commediographos francezes, possuidos duma technica admiravel e duma practica que é por si uma alta recommendação.

Noticias musicaes Pietro Mascagni dará, este inverno, na Italia, uma opera, *Vestilia*, tirada do romance de Rocco de Zerbi; Umberto Giordano, uma opera napoleonica, *La festa del Nilo*, cujo libretto é de Victorien Sardou; Leoncavallo, uma opera que se passa na Hespanha, *Les premières armes de Figaro*, libretto tambem de Sardou e uma outra, *Rosa de Inverno*, segundo Maurice Vaucaille.

O compositor Francesco Cilea, auctor de *Adriana Lacoureur*, termina a sua opera *Gloria*.

Puccini renunciou a acabar a opera que elle intitulava *Maria Antonietta* e pediu a Rostand auctorisação para por em musica o *Cyrano de Bergerac*.

Montemezzi, compositor menos conhecido, mas dum grande valor, dá uma novidade: elle se occupa, actualmente, num drama lyrico sobre as *Victimas*, de Paul Adam, a peça que será brevemente ouvida na Comédie Française, de Paris.

E, a proposito de musicas, não será ocioso falar da grande festa que se realizou em Milão, o mez passado. Raramente se reúnem tantos musicos e se presta uma attenção tão respeitosa áquella arte esplendida. A essa festa monumental compareceram 77 sociedades coraes, 713 bandas e 33 fanfarras, uma formidavel collecção de dez mil executores, dos quaes seis mil eram italianos e os quatro mil restantes tinhamido da Allemanha, da França, da Belgica, da Suissa, da Belgica e até da Tunisia.

Originalidades norte-americanas São inexgotaveis os actos excentricos dos yankees; todos os dias apparecem casos originaes, dum ineditismo macabro, que a ninguem parecem possiveis mas que elles praticam com a maior das facilidades

e a fleugma mais imperturbavel. Uma das ultimas excentricidades é a que acabam de realizar uns, recém-casados, os srs. Mel Spence, de Wilkesbarre. Devido aos caprichos da noiva, que desejava passar a lua de mel onde ainda ninguem tivesse. passado, o casal esteve tres semanas no fundo duma mina de anthracito, trezentos metros abaixo da superficie terrestre, passeando o seu amor pelas complicadas rêdes de galerias e se afastando o mais possivel dos logares onde os mineiros estavam trabalhando.

Industria de passes na Argentina Parece que, pelo menos, é continental a instituição dos *passes* gratuitos, ou, antes, passes por conta do governo a toda sorte de gente. Os jornaes de Buenos Aires consignam esse abuso implantado na Republica Argentina de um modo estupendo. Não ha senador ou deputado que deixe, quasi diariamente, de procurar os ministros para solicitar a concessão de *passes*, em beneficio de amigos, em todas as rêdes de comunicação, maritimas ou terrestres. Ha pessoas que, por assim dizer, teem o gozo vitalicio dessa regalia. Procuram agora, em Buenos Aires, tomar providencias contrarias ao delicioso abuso, mas não ha confiança em que sejam proficuas, de tal modo, e em tal gente, elle se generalizou. O governo paga, annualmente, ás companhias de vapores e ás empresas ferro-viarias, grandes sommas por esses favores, que já chegaram ao ponto de ser, explorados como uma industria: arranjam o *passé* e o vendem pela metade do custo da passagem.

Os padres e o militarismo Diz o sr. Remy de Gourmont que, extinta como está a questão Dreyfus, tem, entretanto, consequencias que se farão sentir ainda por muito tempo. O anti-militarismo é uma dellas, e a principal.

Em França, o exercito foi sempre por todos considerado com grande respeito, estima e orgulho. Tudo isso, parece, desapareceu agora. Presentemente, o exercito é, quando muito, um mal necessario, mesmo que alguns homens de responsabilidade, como o

sr. Hervé, aconselhem, preguem a insubmissão, a deserção.

O sr. Gourmont chama-nos attenção para este caso curioso: «o espirito militarista, o amor á guerra não se encontra já absolutamente sinão entre os sacerdotes e os discipulos de sacerdotes.

Fôram os ministros anglicanos quem mais excitou os inglezes contra os *boers*, e, entre nós, as ligas patrioticas, que existem em grande numero, são, no fundo, associações clericas.»



SCENAS DO NORTE

VESPERA DE FESTA

Ao Juvenal Lumartine.

Como a tarde estivesse fresca e o céu sem nuvens, o coronel Chico Fernandes mandou collocar no alpendre a sua velha rêde de tapuarana e nella deitado, de camisa e ceroula, poz-se a fumar uma cachimbada, á espera do Zé Guagirú.

Emquanto o curiboca não chegava, elle, aos balanços, puxaudo nervosamente os oitenta e tantos cabellos do grisalho bigode, monolagava, num accesso de colera mal contida, exprobando o procedimento do Néco Selleiro, em cuja tapera, por tres noites, fervia um samba medonho, arranjado pelo Tota Canario, um tocador de viola que andava arrastando a aza á pequena Luiza, filha do Néco.

— Desta vez acabava com aquillo! Já mandára avizar áquelle cachorro que, si quizesse botar a filha nas unhas do Tota, o fizesse logo, sem precisar de sambas nem cachaça!

Elle é que não estava para aturar os batuques de tal immundicie! Aquillo era gente peor do que bicho de pé!

E estirava o pescoço para o lado da casa do Selleiro, na intenção de verificar si começava a chegar o «povo» do costume.

De facto, pouco a pouco, de sapatos atados ás extremidades de um cacete liso atravessado ao hombro e de calças arregaçadas até os joelhos, vinham se approximando os convivas do brodio — uns de cigarro atrás da orelha, e outros fumando charutos de vintem, compradinhos de fresco alli, na bodega do Paulo Tomate, chegado

havia seis mezes do Pará, com um bahú chapeado, duas harmonicas, umas maleitas, quatro chapéos de sol de cabo torto e uma formidável corrente de latão azinhavrado.

O coronel, agóra de pé, as mãos cabelludas afagando o ventre farto, continuava a observar os que vinham chegando, não sem fazer os mais acerbos commentarios :

— Vejam só essa corja de cangulos !

Olhem a cara do Goteira ? Ah ! uma catana de palmo e meio dentro daquelle bucho de lama !

E a Rita-Banha de Porco ! A bicha até creou ancas depois que andou virando burrinha ! Escancha-os a todos, um por um !

E, voltando-se para as bandas do rancho do Zé Guagirú, deu com os olhos no caboclo, que vinha subindo o morro, em cujo cimo elle, o senhor de quasi todo aquelle « mundo », residia havia longos annos. Descera o crepusculo, lento e pardo, frio crepusculo de dezembro iuvernoso, carregado de brumas e tristezas. No poente, ficára uma cinta côr de bronze, salpicada de laivos de gangrena, muito roxos, contrastando com a orla do mar longinquo, semi-apagada pela distancia e pela sombra.

O coronel, absolutamente alheio á paizagem, deitou-se de novo, as magras pernas cruzadas e, quando se preparava para tirar o sarro do enorme cachimbo, foi interrompido pelo Guagirú :

— Desb'a noite seu cômandante ! Haverá vassi-micê de passar por cima da falta da demora.

De chapéo na mão, abraçou os joelhos do coronel. Este, a fronte vincada, os labios tremulos de despeito e colera, teve um sorriso perverso :

— Zé Guagirú, você ainda é homem ?

— O que, patrão ? Só vassi-micê mesmo teria felpa de pisar no olho do vento, me perguntando isso. Cabra do estajo estaria sub-lo-chão antes da primeira cantada do gallo.

— Zé Guagirú, você sabe que eu, dono de quasi tudo isto aqui, desejei comprar as cincoentas braças de terras e a tapéra esburacada do Selleiro. Dava cem mil réis e o barriga verde não quiz...

— Não quiz, hein, patrão ? Pois

vassi-micê consente um bicho — com licença da palavra — daquelle qualidade dizer que não « quiz » na presença dos cabellos da barba de vassi-micê ? Ora, patrão !

— Você sabe que eu não gosto de fazer mal a ninguem. Tanto que tinha perdôado o atrevimento do cachorro, não me querendo vender o rancho. Mas agóra elle não me deixa dormir com os sambas e as miadas da viola do Tota Canario. Zé Guagirú, você é homem p'ra dar fim áquelle patifaria ?

O Zé, puxando do bolso da calça a metade de um chifre de boi, arrancou dali uma grossa pitada de tabaco do brejo e gargalhou pachorrentamente :

— Ora ! ora ! ora ! O patrão perdendo o seu tempo me fazendo este promontóra de pergunta !

O patrão é sertanejo e sabe que praeiro não é gente. Ainda mesmo sendo povo em « machina », eu vou lá e derrubo tudo com duas ou tres rasteiras. Só si eu não tivesse batido corredor em pequeno.

— Pois dize lá quanto queres para espanar a canalha.

— Vassi-micê até me aggréde falando por esse aditame. Si álias quizesse dar as festas ao cabloco velho, bastava uma gallinha gorda, um chale encarnado para a caseira e quatro mil réis e quinhentos.

— Faze o serviço e volta. Dou-te mais duas novilhas de cabra e o clavinote de pedra que foi de Jesuino Brilhante.

Um relampago de alegria faiscou nos olhos do Zé. Pediu meia garrafa de aguardente de canna, — da bôa !.. examinou a ponta da faca presa á cintura por uma tira de couro crú e, accendendo o cachimbo de barro, pôz-se a caminho, sustendo um grosso quirí debaixo do braço direito. Vendo-o partir, o coronel ficou-se a olhal-o, silencioso, numa attitude de grande admiração. Depois exclamou, indeciso :

— Homem, sempre é bom te encomendares a Nossa Senhora ! E, quando vires alguma cacétada floecendo no ar, fecha a bocca para não rachar a cabeça !

Zé Guagirú era o valentão mais afamado daquellas bandas. Feio como a necessidade, as narinas enormemente

dilatadas, os beiços roxos, era o terror não só da povoação como de todos os logares circumvisinhos. Baixo, socado de carnes, transpirandó saúde por quantos póros tinha, conquistava larga fama de valente desde o tempo da guerra do Paraguay, onde fizera proezas e de onde trouxera duas enormes cicatrizes, — dois certidões, como elle dizia na sua pittoresca linguagem de caboclo imaginoso.

Apezar dos seus cincoenta beu contados, conservava-se forte como um touro bravo, levando vida feliz e milagrosa, ora no Pará, onde aprendera a limar o phraseado, ora nas praias ou no sertão, aceitando de quando em quando a incumbencia de disciplinar o proximo, serviço de que se encarregava por barato preço.

Ultimamente, resolvera fazer um rancho — o primeiro ! — allí ao pé do coronel Chico Fernandes, que o aceitára de braços abertos. E, como dêsse para namorado, começou a frequentar a tapéra do Néco Selleiro, onde ia dar uma piscadella de olho á pequena, que fugia ás leguas do seu hediondo aspecto de satyro grisalho.

Mal recebido, andava, havia tempos, com o projecto de fazer um rôlo em casa do Selleiro, justamente quando houvesse causa, a fim de ir ao pello do Tota Canario, a quem votava inveterado odio, estugado pelo ciúme.

Na estrada ia pensando no melhor meio de dar começo ao barulho. « Antes de esfriar o corpo, salto gingando na rôda, e, antes que me arrequeiram que não faça semelhante tal, sacudo o páu ás direita e ás canhóta. Ahi o povo corre e eu grito : não venham, que estou de pés espalhados ! Si hóver bicho de lume no olho, que faça frente ao madeirame, puxo a catana e sugigo-o na parede, régorosamente, na ponta da cóstella mindinha... doendo. e não se aproveita nem a alma... »

Reparou que estava em frente á bodega do Tomate, onde entrou para cannear de novo, não sem ligeira hesitação, porque não queria perder tempo. Então pediu dois quarteirões de meladilha — da bôa ! — e, tomando-os de um trago, disse ao Tomate que « ia a casa do Selleiro fazer um servicinho, enquanto o dialhe esfregava o olho. »

Safu, enxugando a bocca na manga da camisa de algodão e floreado o quiri. A noite caíra de todo. Soprava do sul um vento frio, mas calmo.

No céo, carregado de nuvens, uma ou outra estrella surgia e desapparecia logo, amortalhada na bruma.

Cães ladravam ao longe.

Ouviam-se risadas francas de mulheres que iam em procura do samba, vender castanhas assadas e doce secco. Noutra caminho, um pescador bohemio passava gemendo trovas ao som da vióla amiga. E, lá muito distante, no morro onde se achava collocada a povoação, fogueiras esparsas em torno da egrejinha rustica, inundavam de clarões os braços miseriosos do cruzeiro.

Um vagalume passou. Zé Guagirú, distraído, suppôz que era uma estrella e murmurou, descobrindo-se :

— Deus te guie, zelação !

Estava a dois passos da tapéra do Selleiro. Experimentou novamente a ponta da faca, cuspiu na palma da mão, onde o cacete rodava como um fuso e, aos saltos, surgiu no terreiro. O Paulo Tomate mandára annunciar a visita do curiboca e a disposição em que ia.

Mas os sambistas não fizeram caso, duvidaram até, aquecidos como estavam pela cachaça e pelo vinho branco ordinario.

— Dahi, si elle quizesse vir que viesse. Os homens se fez uns para os outros !

Porém, o caso mudára de figura, com a presença do caboclo.

Todos ficaram gelados, combalidos de medo.

Houve um minuto de silencio, durante o qual o assaltante fitava o Tota Canario e o Néco Selleiro, com a insistencia de sapo magnetizando um passaro selvagem.

Tinha os olhos congestos, o rosto inchado pela bebedeira, os terríveis maxillares a rangerem como queixadas de porco do matto.

— Louvado seja Nosso Senhor Sum Christo — gutturou, ironicamente.

— P'ra sempre seja louvado — respondem o dono da casa, num accesso de covardia, adocicando a vóz arrasada de praeiro do norte.

— A lun'a ainda não saú e já vossorias vadeam no pragateado !

— Folguedinho p'ra todos, seu Zézinho. Vassimicê querendo póde tomar parte. E si leva um gosto...

— Pois sim, levo. Mas porém primeiro seu Tota repinica a vióla e canta um redondo.

— Nunca cantei redondo, seu Guagirú — respondeu humildemente o Tota.

— Alo váe ! Na rosca de minha venta ninguem não diz que não sabe ! Cuspa p'ra hi já o redondo ou eu o lasco !

E ergueu o cacete num medonho gesto de ameaça :

— Lhe dou-lhe uma !

Rapido, o Tota dirigiu um olhar aos circumstantes, prescrutando a attitude da numerosa assembléa. Reinava em torno a mais profunda covardia.

— Lhe dou-lhe duas...

O Tota achou prudente não esperar mais : tremulo, a suar em bicas, temperou a vióla e abriu a bocca no mundo...

«Ai ! gentes que eu vou contar
Um caso que succedeu...»

Teve, porém, de se calar, porque o Guagirú mudou de resolução :

— Você não passa de um grandissimo bacharel... Ien-en-en Ien-en-en... Cachorro ! E, voltando-se para o Selleiro :

— Seu Néco, mande sua filha p'ra ródá que o que eu quero é dansar.

Houve um impeto de revolta, que o Guagirú dominou, apenas, com um gesto. A pequena veio, os cabellos soltos e os olhos cheios de lagrimas.

— Não chore, menina, que eu não sou bicho. Zé Guagirú tambem sabe cortar jaca.

Toque lá um chorado, seu Canario... Sá Luiza dê cá uma imbigadinha...

E, á medida que assim se pronunciava, punha um pé no Brazil e outro na China, dansando tão comica e desastradamente que os circumstantes, apezar do medo, não puderam conter o riso. De repente, esbarrou.

— Isto não presta. Seu Tota você perdeu o compasso...

— Não, seu Guagirúzinho... Vassimicê me perdôe, mas é assim mesmo, Esse é o bahiano legiti...

— Sua vióla está mas é desafinada.

Lhe endureça as cordas já; do contrario... Em que mez estamos ?

— Em dezembro—acudiram todos.

— Pois lhe sacudo p'ra riba com tal sustança que vassi-micê não volta si não em agosto do anno que vem !

Assim apertado, veio á cachóla do Canario a peior das lembranças :

— Ty Zézinho, a vióla é sua. Afine lá no seu gosto que tenho muita alegria em tocar depois...

E, para entregal-a, estirou o braço. Então o Guagirú lembrou-se de que o tempo ia passando e era preciso liquidar aquillo. Apertou entre os dedos de ferro a extremidade superior da vióla. Foi quando o Tota cafu em si e viu o mal que tinha feito. Quiz desculpar-se, mas era tarde. Violentamente, o caboclo arrancou-lhe o instrumento da munheca fragil e, sem mais historias, fel-a em mil pedaços na cabeça do tocador afflicto. O Tota caíu, roncando.

— Cum tão pouco, home ! Eu bem que vi que pirão d'agua de côco e tutano de peixe não bota ninguem p'ra diente !

Puxou da catana e lanceou uma rasteira no dono da casa, que se desaprudou e caíu.

Fez-se a debandada, então.

As mulheres, aos gritos, deixaram os taboleiros e os homens espalharam-se pelos comoros da praia, aterrados. O Guagirú olhou em torno. Nem viv'alma.

Apanhou o chapéo, que havia caído durante a lucha e, mettendo o furabôlo no ouvido, pôz-se a gritar :

— ô ô ô... Venha tomar conta da sua casa, seu Zé Selleiro ! O Guagirú váe se embora !

Quebrou o gargallo de uma garrafa que encontrou ao pé do tamborete onde o Canario estava sentado, sorveu dois tragos bons e retirou-se.

A lua começava a apparecer, risinha. O céo, agóra limpo de nuvens, parecia mais alto.

No mar, distante, passava uma embarcação, em cuja prôa oscillava uma luz, tão doce e tenue que a propria alma do Guagirú sentiu um não sei-quê de saudade.

Correu uma estrella no espaço. O caboclo desta vez não se enganára !— tirou o chapéo, benzeu-se tres vezes e murmurou, scismarento :

— Deus te guie, zelação !

Na egrejinha simples do povoado, o velho sino bimbilhava, annunciando a primeira entrada de missa...

HENRIQUE CASTRICIANO.

A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

Embóra tardiamente — qual assumpto de importancia muito secundaria e assim relegado aos estertores de uma sessão legislativa — dignou-se a Camara dos deputados de permittir a inserção na sua vastissima ordem do dia do inadiavel problema da reorganisação do Exercito nacional.

O espectáculo, desta vez, debaixo da nossa admiração, iniciou-se com promettedor interesse deixando, nos primeiros dias, a impressão animadora dos seus decisivos resultados.

Infelizmente, esse interesse já se váe annuviando com a apparição nefasta de certos individuos — irrequietos e eternamente maldizentes — estorvando ingloriamente o andamento regular e rapido das discussões da praxe com a apresentação extemporanea e tola de emendas mal estudadas e *projectinhos* particularizados, perniciosos enxertos para a satisfação de interesses mal entendidos.

Entre os deputados que primeiro se occuparam do assumpto, salientou-se um illustre representante do Rio Grande do Sul, com uma abundante contribuição de palavras bonitas, mas completamente infructiferas na acceção pratica da solução do problema.

A disciplina jorrou em borbotões da sua bocca, para provar o contraste entre o que lhe sobrava nesse orgão e escasseava, de modo lastimavel, no seio das corporações armadas.

Na sua extensa tirada, justificativa de umas emendas apresentadas ao final, s. ex. foi, em parte, verdadeiro na enunciação de alguns factos que concorrem grandemente para o nosso abatimento moral e material, mas também, tentado pela sua analyse, tornou-se injusto em outros pontos essenciaes.

E' certo que a disciplina — fóra mesmo da antiquada concepção da obediencia passiva e cega — não constitúe apanagio do nosso meio militar.

Convém lembrar, porém, — e nem pôde ser doutra maneira concebida — a estreita dependencia do Exercito á sociedade donde sáe, da qual faz parte integrante, e como tal sobre elle se reflectem, mais ou menos intensamente, os seus vicios e dotes.

E quem será capaz de negar a indisciplina que, desde muito, lavra no nosso meio social, meio este em que a mais simples acção legal do poder competente encontra logo a revolta daquelle sobre quem se exerce.

Seja justo s. ex., revolva a sua consciencia, faça um rapido balanço dos seus actos publicos e veja quantas vezes gritou: — *não pôde!* — contra as coacções legaes.

Preferivel, pois, fóra que o digno

representante da nação restringisse a sua longa jeremiada e occupasse sómente um dia a justificar as emendas apresentadas, as quaes, pelo exaggero carinhoso dedicado á estigmatização dos vicios e erros, ficaram totalmente prejudicadas em relação aos seus argumentos comprovativos.

* *

Deixando de parte as demais armas em que s. ex. se absteve de grandes alterações, convém criticar o que disse sobre a artilharia, para a qual mais se voltaram as suas vistas, apesar da sua quasi cegueira em assumpto tão especial, e, portanto, susceptível de offerecer passagens desastrosas para os que trilham nessas precarias condições.

A má impressão causada em seu espirito pela desproporção da artilharia em relação ás outras armas, não é coisa tão exdruxula como se lhe afigurou.

Em toda a parte do mundo, nota-se a tendencia para o augmento do emprego da artilharia na guerra, quer campal, quer de posição, terrestre ou marítima. Eguualmente, em todos os exercitos, são os quadros dessa arma mantidos em maior proporção permanente, dada a maior complexidade da sua instrucção. Haja vista a Suissa que só conserva aquartelada, durante a paz, a sua artilharia, sendo as demais armas dispensadas durante a maior parte do anno.

Admirou-se também da criação da artilharia de sitio, demonstrando a sua completa desnecessidade pela ausencia de cidades fortificadas no theatro provavel de nossas operações futuras.

Esse argumento, porém, não precede.

A guerra russo-japoneza, á qual s. ex. recorreu acompanhando a moda, mostra exemplos e innumerados do preparo rapido de uma posição qualquer graças aos recursos fornecidos pela fortificação passageira.

A artilharia de campanha, montada ou a cavallo, isto é, a artilharia movel, destinada a acompanhar a infantaria e a cavallaria em todas as peripicias da lucta, é impotente contra os obstaculos materiaes. A sua acção accentúa-se — para isso ella é traçada e concebida — contra os alvos animados. Atraz della, torna-se precisa uma artilharia mais potente e menos movel, uma especie de artilharia de posição, que não encontra efficacia na mobilidade para a manobra e apenas na potencia e alcance dos seus projectis.

E os casos da sua applicação na guerra de hoje, como na de amanhã, principalmente, succeder-se-ão frequentemente denunciando a inferiori-

dade e a fraqueza do exercito que a possuir.

Eguualmente, pouco convincente é a razão, expendida contra a sua criação, de não termos, actualmente, semelhante material.

Que é que prohibe adquiril-o, creadas as respectivas unidades?

Não se compram canhões de campanha, de costa, de bordo, fuzis, lanças, etc?

* *

Outro ponto falho das suas emendas, é o referente á organização da artilharia de posição.

A disposição das unidades dessa especie de artilharia em baterias independentes só se justifica pela necessidade da sua existencia isolada.

O commando da bateria independente tem uma certa latitude de acção que não se compadece com a sua reunião, sob um commando directo, dada a pequenez dessa unidade.

Os diferentes serviços, a disciplina, instrucção e tudo o mais se resentirá funestamente de uma tal disposição.

Muito mais racional e pratico é conservar a organização projectada de uma só unidade — o batalhão — para a guarnição das fortalezas de Santa Cruz e São João.

A artilharia de posição, dada a natureza do seu destino, não pôde ter uma organização uniforme, porque importa adaptal-a ás condições do ponto a guarnecer. Aquí será um batalhão de tres, quatro ou cinco baterias; allí apenas um grupamento de duas baterias sob o commando correspondente; ainda allí baterias isoladas, independentes, pela necessidade mesmo da facilidade da sua administração, instrucção, etc., — entravadas sempre que dependerem de commandos directos e distantes, como se dá actualmente.

Em conclusão — acreditamos nas boas intenções que dictaram o procedimento do digno representante sultista, applaudindo sinceramente o seu interesse pelas coisas militares; mas cumpre confessar, á vista das precedentes considerações, a nullidade e exquisitez dos seus resultados.

TENENTE MAX.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas do primeiro tri-de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

Toda e qualquer correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, sr. Walfrido Ribeiro.

PAGINAS ESQUECIDAS

SONETOS

V

Passo por meus trabalhos tão isento
De sentimento grande nem pequeno,
Que só por a vontade com que peno
Me fica amor devendo mais tormento.

Mas vai-me amor matando tanto a tento
Temperando a triaga co'o veneno,
Que do penar a ordem desordeno,
Porque não m'o consente o soffrimento.

Porém se esta fineza o Amor sente,
E pagar-me meu mal com mal pretende,
Torna-me com prazer como ao sol neve ;

Mas se me vê co'os males tão contente,
Faz-se avaro da pena, porque entende
Que quanto mais me paga, mais me deve.

VI

Em flôr vos arrancou, de então crescida,
(Ah Senhor Dom Antonio !) a dura sorte
Donde fazendo andava o braço forte
A fama dos antigos esquecida.

Huma só razão tenho conhecida
Com que tamanha magua se conforte :
Que se no mundo havia honrada morte,
Não podiéis vós ter mais larga vida.

Se meus humildes versos podem tanto,
Que co'o desejo meu se iguale a arte,
Especial materia me sereis.

E celebrado em triste e longo canto,
Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentes vivireis.

CAMÕES.

CULTO

O protestantismo, com a simplicidade dos templos, parece mais religioso que o esplendor meridional dos ritos.

Ha mais alma na adoração pura sem a imagem presente, que desvia o fervor, materializando o culto. O catholicismo é carnal, quasi terreno, e comprehende-se bem que houvesse inspirado as musculaturas de Miguel Angelo e a divinisação da Foscarina.

A simplicidade é mais tocante ; dir-se-hia que decresce um pouco a presença de Deus para abrir espaço ao sentimento.

Via-se isto na funebre cerimonia ha dias na rua dos Invalidos.

Acabára o bom rei, antes — o reinado de uma agonia (*).

Houve talvez na patria um movimento de desafogo. Aquella mão pallida que cedo se havia de immobilisar na estreiteza de um esquite, era forte ainda para estender sobre os arsenaes inquietos um ramo de oliveira e era

impotente, contra as ambições armadas, aquelle gesto que parecia acenar de além-tumulo, da regiões da eterna concordia.

Rolem avante, agóra, o Danubio e Rheno, caudaes da guerra. Os homens de coração guardam a memoria dos soberanos que aproveitou a exaltação para ensinar o programma da paz como o melhor futuro, para ouvir a queixa dos opprimidos da conquista, para exemplificar de cima a constancia no soffrimento, que governou bastante, quem póde prever ? para incluir na historia dos sabios reinados uma agonia corôada.

Sentia-se esta meditação saudosa na cerimonia, no pequeno templo : *ach, Gott, verlass uns nicht ! ..*

Não eram as exequias de um rei guerreiro, de rumorosa gloria. Rememorava-se um principe que o foi para o bondade apenas, um passamento modesto que, menos que á metropole sequiosa de futuro e de dominio, devia ferir o patriotismo da remota colonia, suavizado da ausencia e da nostalgia.

E com as cabeças louras que entravam, fronte pensativas, lembrando gravuras idéaes, olhos azues que vinham como uma invasão de céu, e com os canticos e a vocalisação plangente do orgão, reconhecia-se a Allemanha, não a Allemanha rude dos combates e do equilibrio europeu — a serena Allemanha da metaphysica e da musica.

RAUL POMPEIA.

OLIVEIRA MARTINS, INTIMO

Uma noite, seriam dez horas, vinha eu da Foz com o Eça. Isto devia ser ahí por Agosto ou Setembro, e o Porto estava deserto, d'uma desolação soturna e quente. Na impossibilidade de entrar logo para o hotel, o Eça lembrou :

— Vamos visitar o Oliveira Martins.

— Mas eu não o conheço.

— O Philosopho ? Conheço eu e basta.

Nas Aguas-Ferreas — creio que era nas Aguas-Ferreas — não passava vivalma ; e na casa a que nos dirigimos nem um postigo aberto, nem uma fisga de luz. Tudo tão absolutamente socegado, que eu ainda protes-

tei contra aquella violação de domicilio. Mas o Eça insistiu e bateu. Passados instantes, d'uma janella que se abriu, uma voz perguntou :

— Quem é ?

— Eu. . José Maria.

— Ah ! esperem que eu vou.

Houve uma bulha de ferrolho corrido, de volta de chave na fechadura, e o proprio Oliveira Martins appareceu á porta, embrulhado n'uma especie de gabão, com um lenço de seda enrolado á pressa no pescoço.

— Que estavas tu a fazer ? perguntou o Eça.

— Na cama ; levanto-me ás cinco e deito-me ás nove.

E, como eu me desculpasse, na minha qualidade de intruso, accrescentou amavelmente :

— Quando não tenho com quem conversar.

Entrámos no escriptorio, cá em baixo, uma casa comprida, com uma mesa alongada ao centro, estantes até o tecto. Oliveira Martins accendeu elle mesmo o seu candieiro de trabalho que dava uma luz fraca ; e allí ficámos a conversar tranquillamente na penumbra do *abat-jour*. O dono da casa acolhia-me, a mim que elle via pela primeira vez, com a mesma singeleza com que acolhia o velho amigo Eça de Queiroz. Naturalmente a conversa deslisou para as lettras ; e Oliveira Martins veio a fallar-nos do livro que então escrevia, a *Historia da Republica romana*. Como sempre, elle vivia todo no seu assumpto do momento, evocando pela poderosa imaginação as figuras e as scenas do passado que estudava. O Eça ouvia, e pouco a pouco discutia, interessado já pelo thema novo, embebido na historia romana como se nunca tivesse pensado n'outra coisa, fallando de patricios e de plebeus, de Scylla e de Mario, apanhando tudo no ar, n'aquella sua assimilação subtil e prompta, ondulante e penetrante ao mesmo tempo.

Lentamente animava-se, de pé, anguloso e delgado, o olho negro encoado e brilhante sob o reflexo do monoculo, o cigarro debaixo do bigode descabido. E cheio de phrases imprevistas, de phantasia sensata, punha objecções ás theorias do Philosopho, que lhe respondia pensadamente,

n'um gesto lento, a expressão um pouco vaga, como se olhasse para dentro, para o que estava pensando. Nada mais interessante do que o contacto d'aquelles dois espiritos, tão absolutamente diversos um do outro, e tão realmente grandes ambos. Era como o encontro de uma tropa disciplinada, bem provida de munições e armamento, com um corpo de irregulares, ferteis em recursos, em surpresas, em movimentos inesperados.

Quando sahimos das Aguas-Ferreas eram duas horas da manhã. Na porta, Oliveira Martins pediu-me gentilmente, e naturalmente também ao Eça, para jantarmos com elle no dia seguinte.

De manhã, antes do almoço, descia eu a escada do meu hotel, quando me encontrei cara a cara com um alto funcionario então no Porto, um homem serio, e alem d'isso um excelente homem. Saudou-me com effusão:

— V. Ex. por cá... Então demora-se?

— Dois ou tres dias.

— Hade vir jantar comigo! Hoje mesmo, se lhe faz conta.

— Agradeço muito; mas hoje é impossivel, porque vou jantar com o Oliveira Martins.

— Com o socialista!? exclamou o funcionario, recuando dois passos.

Oliveira Martins era então algum tanto suspeito ao mundo official.

D'essa noite datou a minha constante amizade com aquelle que nós chamavamos «o Philosopho». E é este um dos favores intellectuaes, alem de varios, que eu devo a Eça de Queiroz.

CONDE DE FICALHO.

* *

O FALLAR DEMASIADO

Peccam alguns em fallar demasiado, sem quererem ouvir. Democrito lhes chamou avarentos, porque todo o fallar querem só para si. Em Londres conheci um gentil-homem francez, muito pobre, e grande fallador: um enviado, que alli foi d'el-rei Christianissimo, egualmente fallador, lhe offereceu mesa, que elle estimou muito: e no fim do primeiro jantar se despediu para não tornar. Perguntou-lhe o euviado a causa: respondeu: *Senhor, eu quero fallar sempre, e vós quereis o mesmo: não podemos conversar ambos.* E disse bem; porque a conversação é como o jogo, em que não joga sempre um só, mas ambos, ou todos os que se puseram a jogar. Ha linguas tão correntes, como penedo que roda, ou homem que corre por um monte abaixo sem poder parar, ainda que queira. Não ha quem soffra um d'estes. Os laconios lançaram fóra a Crisiphonte, porque se jactava de que

se atrevia a fallar todo um dia sobre uma só coisa. Solon, sabio da Grecia, em um ajuntamento de falladores não dizia palavra. Perguntando-lhe Perandro, que era outro sabio, se calava por falta de palavras, ou por ser nescio, respondeu: *Que nenhum nescio podia estar calado.* Pelo que aconselhou o Ecclesiastico: *Não sejas fallador.* Mas também não ha-de ser o silencio demasiado. Conta a Floresta Hespanhola que um pae encomendou a um filho nescio, que casava, que no banquete das bodas não fallasse, por que se não dêsse a conhecer. Um dos convidados, vendo-o em tanto silencio, disse em voz baixa a outro: *Este moço deve ser nescio, porque nada falla:* e o moço, que o ouviu, disse ao pae: *Meu pae, já posso fallar, porque já me conheceram.* Tanto se perde por menos, como por mais. O sabio cala, e falla a seu tempo; o imprudente não observa tempo. Espiritualmente disse um varão grande: *Ninguém falla seguro, senão quem cala de boa vontade.*

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO.
(1606-1682)

(*) Raul Pompeia referia-se a Frederico III, fallecido em 1888, após tres ephemerros mezes de reinado, e cuja divisa—*Lernen zu leiden ohne zu klagen*—é o perfil moral do sympathico e infeliz monarcha.—N. da R.

REVISTA DAS REVISTAS

REVUE DES DEUX MONDES

Um dos mais interessantes trabalhos dos ultimos numeros dessa revista é o do commandante Davin sobre o *carvão no ponto de vista naval*. O sr. Davin começa o seu artigo accentuando que o carvão é o nervo da guerra naval. Um navio de guerra, brevemente, não terá meios de se prover de carvão.

Em 1904, a Inglaterra produziu 236 milhões de toneladas de carvão; a Allemanha, 169 milhões e meio; os Estados-Unidos, 324; e a França, sómente 34.

Falou-se muito, o anno passado, no lento desaparecimento das minas inglezas, e a marinha daquelle paiz pergunta, alarmada, qual será a duração provavel das jazidas. Essa questão é um ponto negro para o futuro da potencia naval da Inglaterra.

Em 1904, as suas esquadras consumiram 8 a 9% da produção total das 24 minas; o resto passou para o estrangeiro. Os pedidos do exterior são tão constantes que as encomendas feitas pelo almirantado inglez ficam retardadas, muitas vezes em momentos criticos, como na epocha do incidente da Fashoda, para não citar sinão um caso. Do outro lado, também, fazer enormes provisões de carvão é uma má idéa, por causa da deterioração que esse combustivel soffre nos depositos.

O sr. Davin fala da guerra hispano-americana e da russo-japoneza, provando as suas asserções com dados estatisticos. Cita, também, o emprego na Allemanha do *osmon*, combustivel tirado da turfa.

A marinha italiana, diz o commandante Davin, indo além da sua epocha, adoptou

uma solução para o problema dos grandes navios de combate. Foram construidos nos estaleiros italianos uns navios que são, ao mesmo tempo, couraçados, pelo armamento, e cruzadores, pela rapidez e pelo raio de acção. Para alguns entendidos, a Italia, em cruzadores, está superior á França. O navio francez *Dupleix* e o italiano *Garibaldi* teem o mesmo deslocamento. O raio do primeiro não váe além de 6.000 milhas enquanto o outro póde percorrer 9.300, com facilidade.

Nos navios de guerra da França, as installações de carvão e as construcções de ferro para abastecimento são duma notoria insufficiencia. Não só se torna indispensavel melhorar a organização para que os navios francezes uzem carvão o mais possivel, como também modificar, completamente, as installações nos portos e os estaleiros; sem isso, a marinha franceza não será forte e não estará muito segura para qualquer acontecimento.

O commandante Davin, terminando o seu curioso trabalho; diz que a arte da guerra está singularmente complicada. «E' preciso hoje prever o mais possivel e não deixar ao acaso ou á inspiração do momento sinão as questões impossiveis de ser estudadas de antemão».

— Num outro numero mais recente da *Revue des Deux Mondes*, além da primeira parte do novo romance de Marcel Prévost, *Monsieur et Madame Moloch*, encontra-se um longo trabalho de Ferdinand Brunetière, que é o director-gerente da revista, sobre a *Doença do burlesco*. O academico francez, num estylo apurado, relembra as figuras de Cyrano de Bergerac, de D'Arsony, de Scarron e de mais alguns outros escriptores que se salientaram pela nota burlesca das suas produções. Uns, pouco tempo depois do apparecimento, ficaram esquecidos e ninguém os conhece mais; o sr. Brunetière deplora tudo isto e, falando do estylo burlesco, diz que elle precisa ser estudado como um accidente da moda, caprichoso, passageiro, inexplicavel. «Ou então, será preciso, ao contrario, reconhecer ahí uma tendencia natural da linguagem e do espirito, crescendo até á doença, sob o imperio das circunstancias que ella determina?»

Continúa, accentuando que existiu sempre a doença ou o instincto facecioso, sendo isso natural, porque a alegria é um dos signaes caracteristicos da raça franceza. O articulista, depois de citar diversos casos interessantes de humoristas, afirma que o estylo «burlesco» e o «precioso» são fórmulas da arte ou constituições do espirito.

Assim, diz também que as duas estheticas, a do burlesco e a do precioso, se oppõem á esthetica fundada sobre a imitação da natureza. «Nem Dante, nem mesmo Petrarca, nem Rabelais, nem Molière, nem Shakspeare, nem Milton, nem Cervantes, nem Goethe, nem Schiller, são preciosos ou burlescos, mas naturalistas, cada um á sua maneira.»

* *

NUOVA ANTOLOGIA

O professor Vincenzo Grossi, que nós conhecemos aqui pelas «Cartas da Italia» que o *Jornal do Commercio* publica e onde elle mostra um profundo conhecimento das coisas economicas do Brazil, é uma competencia segura em economia politica e politica internacional. Esse ultimo artigo, que a *Antologia* acaba de editar a respeito da *crise do café no Brazil*, é mais uma prova do quanto elle sabe das nossas finanças e a acurada attenção que dá ás grandes questões que aqui se agitam.

O sr. Grossi principia o seu estudo dizendo que «quem segue com certo interesse

a política economica e financeira dos paizes sul-americanos, tem a sua attenção voltada para uma grande questão que se debate no Brazil sobre a valorisação do café, um dos principaes productos dessa vasta Republica.»

Nas suas considerações, o sr. Grossi apresenta dados estatísticos dos nossos relatórios, comprovando assim a sua alta competencia no assumpto. No estudo da fixação de cambio, o professor italiano tem diversas maneiras de encarar o ponto, que são dum grande valor para nós. Aprofundado na questão como está, o professor Grossi termina accentuando que «a crise do café deveria agir sobre o organismo social como um excitante, um estimulante da actividade nacional e da iniciativa privada e não como paralyzador ou adormecedor daquelle organismo; afinal, o papel do café não seria outro, elle no organismo physico é um perfeito estimulante. A actual crise do café deveria ser como as proprias injeções de cafeína e de strychnina e não atacar o organismo, embrutecendo-o, como as doses mortíferas da morphina e as perigosas inalações do chloroformio.»

**

LA REVUE

O artigo do sr. Léo Claretie — *Os trocadilhos de pessoas sérias*, é um dos mais interessantes que tem apparecido a respeito desse jogo de palavras. O trocadilho é cultivado em grande escala e muita gente de alta illustração o aprecia como um divertimento intellectual; outras pessoas, as despeitadas, em geral, dizem e escrevem que nada ha mais inepto e esteril que os calemburgos, triste privilegio dos caixeiros-viajantes ás

mezas dos hotéis. Isso, porém, não é verdade — os maiores espiritos não o tem desdenhado.

A etymologia da palavra «calemburgo» está incerta ainda. No entanto, ella é bem recente; no seculo XVIII, o trocadilho era conhecido, na França, por «equivoco». A respeito da palavra «calemburgo», já se propoz uma hypothese: que ella tenia viudo do abbaide allemão Von Theben, cura de Calemburg, conhecido como o typô popular da alegria e da farça grosseira.

O sr. Claretie continúa citando diversos dictionarios e fala que Victor Hugo disse que o trocadilho tem uma origem muito remota e que Jesus Christo tinha feito um trocadilho com São Pedro. O escriptor francez colleccionou, nas suas vinte paginas da *Revue*, uma quantidade extraordinaria de *jeux de mot*, dum humorismo esplendido, trocadilhos admiraveis onde brilhava sempre uma inesperada ironia, a cortante ironia franceza. Cita calemburgos engenhosos que custaram aos seus auctores boas horas de trabalho e outros, duma simplicidade deliciosa, mas que por isso mesmo se tornam curiosos.

O sr. Léo Claretie conclue o seu bello artigo, que é mais uma collectanea de trocadilhos de pessoas celebres, dizendo que esse jogo de palavras, na sua essencia grosseira, é a expressão perfeita da alegria; elle apresenta os caracteres distinctivos do riso, sempre causado por um contraste, um salto entre o que se vê e o que se esperava encontrar. A propria divergencia dos dois sentidos, ligados, por uma commumidade de sons e uma semelhança phonetica, com os dois ramos desse compasso, reunidos á cabeça e que se vão, a pouco e pouco, alargando, impõe ao espirito uma deslocação

que a muita gente parece um excessivo agradável á sua actividade mental.

É um *sport* que tem os seus mestres, os seus campeões, os seus *dilettanti* e as suas victimas. O gosto se propaga com uma rapidez enigmatica; o contagio é immediato. É preciso ter muito cuidado com o trocadilhista, respeitall-o mesmo, porque elle é um egoista que faz as suas pilherias para se divertir unicamente e não procura alegrar os outros.

**

FORTNIGHTLY REVIEW

Inglaterra, Belgica e Hollanda é o titulo dum artigo onde se estudam as condições desses tres paizes. A Belgica, com a sua grande industria fabril, o seu commercio habil e seguro; a Hollanda, com os vastos campos onde os bois pastam mansamente e com os seus pescadores onzados que avançam, resolutos, pelo mar fóra; e a Inglaterra, poderosa nas suas officinas, nas suas grandes fabricas, na sua industria pastoril e forte na sua organisação militar que a faz respeitada — dão margem a que o articulista, que se encobre sob um pseudonymo, fale, demoradamente, das fabricas europeas e do commercio que a Europa mantém com o estrangeiro.

Uma grande parte do artigo occupa-se das forças militares dos tres paizes; o escriptor admira-se como a Belgica tem em tempo de paz 50.000 soldados e no serviço de reserva, podendo ser chamados ao primeiro momento, cerca de 150.000 homens. A differença que existe entre as forças militares da Inglaterra e as da Hollanda e da Belgica é colossal, e o auctor do estudo accentua isto com um certo prazer que não deve agradar absolutamente aos pacifistas.

ELEGIA

(NO TUMULO DE FAUSTO CARDOSO)

Patria! Mais uma vez, venceu-te a iniquidade!
Seja o immenso pezar dessa nova desdita,
A luz que ha de mostrar-te a trilha da verdade.

Vem da estirpe de Caim o braço vil que agita
O latego com que te açoita o corpo lasso,
Uma raça através dos seculos maldita.

Entretanto, jámais ha de surgir um braço
Que buscando soerguer-te a fronte succumbida,
E hastear o aureo pendão do teu povo no espaço,

Um ser justo que entrando honesto e leal na lida,
Não defronte as traíções, as insidias corruptas
E não seja afinal levado de vencida.

Ha de tombar em meio á confusão das lutas,
Ha de a traíção feril-o e a protervia vencel-o
E tu, Patria, voltar á treva em que te enlutas.

Jámais despertarás desse atróz pesadello,
Com o teu Ultimo Filho, a tua liberdade
Eterno irá jazer no pó que ha de envolvel-o.

O estandarte de Caim enluta a immensidade.
A intolerancia cruel tinta em sangue proclama
A eterna negação do amor e da verdade.

Estrella do Brazil, é extincta a tua flamma.
Mocidade, chorae nossa eterna vergonha,
Gemei, penhas, vibráe, ó corações de lama.

Como pudeste, ó Sol, nessa manhã tristonha,
Doirar a immensidade, a terra encher de brilho
E na treva deixar tanta traíção medonha?

O' Patria! Como viste o teu Ultimo Filho,
Por ti, por teu amor, tombar aniquilado,
E não seguiste envolta em sangue o mesmo trilho!

Com o teu heróe, teu sabio, o teu poeta e soldado,
Para sempre extinguiu-se o teu phanal sublime,
Era seguil-o, pois, o teu dever sagrado.

Mas, preferiste a morte á extincção que redime.
Embalde. Do que foste, em menos de cem annos,
Ha de apenas restar a memoria de um crime.

Trôa perto o tropel dos céleres uhlanos,
E a náu de Albion, soturna, amortalhade de aço,
Sonda, corta e recorta os pavidos oceanos.

Cedo, bem cedo, o Sol ha de romper no espaço
E a um tempo illuminar cem paizes distinctos,
Que se não de degladiar dentro do teu regaço.

Então, Patria, sofrendo os mais nobres iustinctos,
Sorriréi á visão da tua derrocada:
O teu povo sem leis, os teus marcos extinctos,

O teu nome infeliz nada exprimindo, nada,
E finalmente, ó dôr, a tua Fé sublime
Numa vasta Babel de seitas transformada...

.....
Comtudo ha de narrar-se a historia do teu crime!

MARIO DE GUARANÁ.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Fabricação industrial do chloroformio por um novo processo — Rendimento e pureza do producto — Aplicações.

As applicações, cada vez mais numerosas, do chloroformio, forçaram a industria a fabrical-o barato e em grandes quantidades, fazendo reagir o acetone sobre o chlorureto de sodio, sob a influencia do electrolyse.

O aparelho ordinariamente empregado nesse processo é uma retorta de ferro esmaltado, aquecida a vapor circulando num duplo fundo. Os producto destinados a entrar em reacção são introduzidos por uma abertura que fecha um tampão fixado por um systema analogo ao do coverculo dos autoclaves. Uma tubulatura, collocada na parte superior do aparelho, condúz os vapores do chloroformio e d'agua para uma serpentina onde se condensam.

Os electroides são constituídos — o positivo, por uma arvore vertical sobre a qual estão dispostas, em fôrma de um V, hastes de carvão em communicação com o pólo positivo do dynamo gerador; essa arvore é movel em torno de um eixo e gyra, servindo de agitador; o negativo é constituído por um cylindro de cobre, disposto parallelamente ás paredes da caldeira.

Introduzem-se na retorta 500 litros de uma solução de 20% de chlorureto de sodio; faz-se circular o vapor no fundo duplo de maneira a fazer ferver o liquido; depois, faz-se passar uma corrente de 129 volts e 0,2 ampère por centimetro quadrado de superficie anodica. Ao mesmo tempo, por meio de um tubo atravessando a parede da retorta e desembocando dentro da massa liquida, faz-se chegar o acetone de maneira contínua. A reacção se produz e, á medida que começa, o chloroformio se desprende e se condensa na serpentina.

O aparelho é regulado de modo que, ao cabo de duas horas, attinge a 80 kilos de acetone. A operação pára e purga-se a retorta.

O liquido que corre da serpentina é recolhido num condensador, onde se separa em duas camadas: em cima, chloroformio, quasi puro como, é necessario para as applicações vulgares da industria; em baixo, agua misturada a uma certa quantidade de acetone arrastada mechanicamente: esta agua decantada segundo o principio do recipiente florentino, serve, no curso de uma nova operação, para dissolver o chlorureto de sodio. Quanto ao chloroformio, que poderia, rigorosamente, ser empregado tal qual é reproduzido, uma ou duas lavagens o desembaraçam das impurezas, pelo

menos daquellas que prejudicariam os industriaes, de maneira que não contém os compostos chlorurados extranhos muito frequentes, perturbando a pureza dos productos obtidos pelo antigo processo.

O rendimento do novo systema de fabricação do chloroformio é de 85 a 100 %.

XADREZ

TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

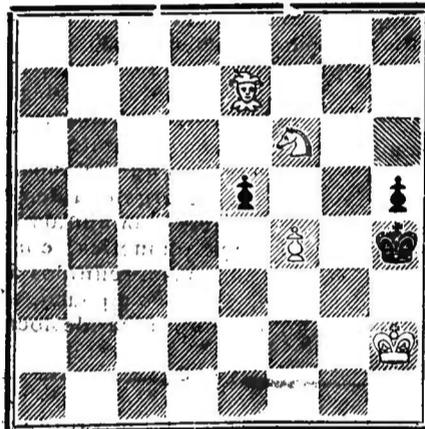
Ainda não fôram jogadas as ultimas partidas do 1º turno.

**

PROBLEMA N. 67

Dr. A. W. Galitzky

PRETAS (3)



BRANCAS (4)

Mate em tres lances

**

PARTIDA N. 73

(Jogada no torneio de Ostende a 27 de junho de 1906)

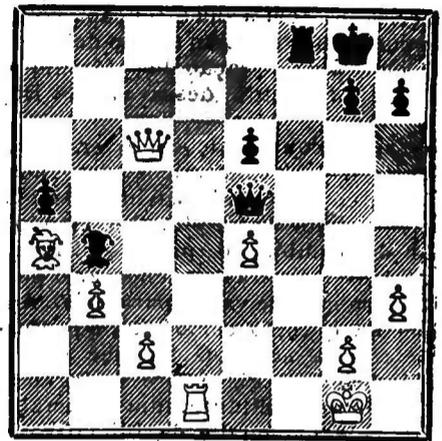
PARTIDA DOS 4 CAVALLOS

Branças (Janowski)

Pretas (Schlechter)

P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B R
C 3 B D	— 3 —	C 3 B D
B 5 C D	— 4 —	C 5 D
B 4 T D	— 5 —	C X C x
D X C	— 6 —	B 5 C D
P 3 D	— 7 —	Roque
Roque	— 8 —	P 3 B D
B 5 C R	— 9 —	B 2 R
P 3 T R	— 10 —	P 3 D
T D 1 D	— 11 —	P 4 C D
B 3 C D	— 12 —	P 4 T D
P 4 T D (a)	— 13 —	P X P
B X P	— 14 —	D 3 C D (b)
P 3 C D	— 15 —	B 3 R
B 3 R	— 16 —	D 2 B D
C 2 R	— 17 —	C 2 D
P 4 D	— 18 —	C 3 C D
P X P	— 19 —	P X P
B X C	— 20 —	D X B (c)
D 3 B D	— 21 —	D 2 B D
P 4 B R	— 22 —	P X P
C X P	— 23 —	B 5 C D
C X B (d)	— 24 —	P X C
D 4 B D (e)	— 25 —	D 4 R
T X T x (f)	— 26 —	T X T
D X P	— 27 —	

Depois do 27º lance das Brancas



R 1 T	— 27 —	B 4 B D x! (g)
D X B	— 28 —	B 3 D!
T X T	— 29 —	T 8 B R x!
B 5 C D	— 30 —	D X D
B 3 D	— 31 —	D 4 R
T 3 B R	— 32 —	P 4 T R
R 1 C	— 33 —	P 4 C R
T 2 B R	— 34 —	P 5 C R
P X P	— 35 —	R 2 C
T 1 B R	— 36 —	P X P
	— 37 —	P 6 C R
abandonam (h)	— 38 —	

(a) Em semelhantes casos joga-se geralmente P 3 T D. (H.)

(b) As Pretas tomam o ataque e o B R branco fica fóra de jogo durante algum tempo. (H.)

(c) O resultado desta pequena escaramuça é favoravel ás Pretas, que ficam com os dois bispos. (H.)

(d) Para ficar com B de côres diferentes e melhor jogo; deviam obter a nullidade. (H.)

(e) O B branco, em verdade, foi inutil durante toda a partida, circumstancia devida, sem nenhuma duvida, ao 13º lance, P 4 T D. Si agóra 25—D X P, então D 4 R, seguindo-se pouco mais ou menos a continuacão da partida, com essa differença de que terjam podido collocar o B a 5 C D com certo proveito. (B. E.)

(f) Esta troca deve ser um erro.

(g) Lance inicial de uma magnifica combinacão. Inteiramente como um problema, as Pretas ganham forçadamente uma encantadora partida. (H.)

(h) As Pretas forçam o R branco a ir para o canto; depois, por meio de xques, tomam o P C R e ganham facilmente. (B. E.)

(Notas de Hoffer e do Brooklyn Eagle.)

**

SOLUCÃO DO PROBLEMA N. 66 (A. G. Corrias): 1—R 3 B, P 6 T R (a, b); 2—R 3 R, R 8 C; 3—D 1 B D mate.

(a) 1... T 7 B D ou T 3 C R; 2—D X T, ?; 3—D mate.

(b) 1... T joga sobre a linha do C R; 2—R 2 B x. d., T cobre; 3—D X T mate.

JOSÉ GETULIO.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.